

A INTERFERÊNCIA DO *TUDO* NO VALOR DE *TODOS/TODAS* NA CONCORDÂNCIA DO PORTUGUÊS

*Norma da Silva Lopes**

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, observa-se o efeito da coexistência do quantificador *tudo*, forma neutra do quantificador *todo*, usado no valor de *todos*, *todas*, na concordância dentro do sintagma nominal. No *corpus* de Salvador, são identificados casos, como os apresentados a seguir:

“fazer TUDO aquelas coisas de errado de novo” H3F321
 “os policiais TUDO em fileira” H2F40
 “dos meus tio morava TUDO junto” M1C02

O *tudo* no valor de *todos*, *todas* é também encontrado em dialetos que são resultado de processos de aquisição com grande divergência de dados. Na fala dos Tongas², comunidade de ex-escravos, em São Tomé, na África, por exemplo, encontram-se sintagmas com o *tudo* no mesmo valor:

“os avó TUDO veio de Angola”
 “os coisa TUDO”
 “TUDO os coisa tá traçado”
 “os criança TUDO...”
 “os médico TUDO foi embora”
 “TUDO os home foi embora”

Nos exemplos “tudo os coisa tá traçado” e “tudo os home foi embora”, nota-se que o *tudo* está à esquerda do núcleo e, mesmo assim, aparece a forma neutra ao invés da forma flexionada. Nos outros exemplos, sem levar em conta a variação da concordância de gênero que os sintagmas exibem, o uso de *tudo*, situação interpretada como ausência de concordância do quantificador *todo*, a forma aparece à direita do núcleo, posição inibidora da presença de marca na amostra estudada, segundo Lopes (2001). No *corpus* observado neste trabalho, o *tudo* ocorre de forma semelhante e fica evidente que o uso é perfeitamente comparável àquele dos Tongas³.

*Universidade do Estado da Bahia

¹ Essas são indicações sobre os informantes (Gênero, Faixa etária, Escolaridade e Número do inquirido.)

² A comparação foi feita graças ao professor Alan Baxter, que gentilmente cedeu as fitas com as entrevistas gravadas.

³ “*Tudo* seems to function as a redundant reinforcer of plurality. Plural marking is inserted with the aid of this semantic trigger, in obvious contexts (cf. the role of numerals). While this role is relatively minor in the general data, it has implications for the nature of earlier L2 Tonga Portuguese. Thus, an additional dimension to *tudo* is that it mainly occurs in post nominal position, although prenominal position is also found.. In European Portuguese, inflecting *todo* may appear in both these positions. This suggests that the L2 Portuguese that provided PLD for F3, gave preference to the post-nominal position, but, as the suffixal

No português descrioulizado de Macau também se atestou esse uso do TUDO, a exemplo de

- “pa veng visitar nóx TUDO domingo.” (ao invés de “nós todos”)
- “Mana, ávó, pai, irmang - qui justo morê - mãe, tudo bêbê.” (ao invés de “todos bebem”)
- “Madrinha leva iô, pocósa esti genti di Figueiredo tudo é parenti longe dela.” (no lugar de “todos são parentes”)
- “Ieu sabe vossa pai, mae tudo gosta bêbê, você ñaong bebe?”⁴ (no lugar de “todos bebem”)

Coelho (1967, p. 62-5) também registra o *tudo* em texto escrito no *dialeto macaísta*, em cartas pessoais de 1865 a 1869:

- “Já intra anno novo; mutu bom anno, filicidade, vida, saúde para vós, vosso marido e tudo criança criança.” (1865) (ao invés de todas as crianças)
- “Como vós lôgo querê sabe tudo novidade de Macáo, porisso que eu já pedi com tudo sium sium, parecero de jogo, pra trazê tudo novidade de fôra pra eu pôde escrevê pra vós.” (1869) (no lugar de toda a novidade; todos os senhores, ou todos os homens; todas as novidades ou toda a novidade).
- “Aquelle tolo de Boletim parte que dá peza sua viuva, vae dá pra tudo sua amigo amigo.” (1869) (ao invés de todos seus amigos).

Nos usos registrados do *tudo*, apesar de aparentemente não terem relação com nomes plurais, nota-se que alguns dos substantivos indicam claramente pluralidade, expressa pela sua duplicação: criança, criança; sium, sium; amigo, amigo, comum a diversos crioulos.

No dialeto de Helvécia, na Bahia, Baxter, Lucchesi & Guimarães (1997, p. 30) documentam o uso do TUDO, ao invés do quantificador flexionado:

- “Foi vendeno TUDO essas madeira” (ao invés de “TODAS essas madeiras”.)
- “três mãe de filho e ôtas tudo soltêra” (ao invés de “outras TODAS solteiras”.)

Os autores observam que o quantificador TODOS, apesar de, no português, ser comumente utilizado em posição anterior ao núcleo, como “Todas as pessoas convidadas”, nesse dialeto o uso mais frequente é como elemento posnominal, na sua forma neutra TUDO (“As meninas *tudo* foram embora”), e dizem que esse uso sugere

inflectional morphology of E.P. *todo* was not transparent to L1 speakers of Umbundo, with its prefixal system, the bare form *tudo* was incorporated and principally in a post-nominal position coincidental with the unmarked Mbundo quantifier position.” (BAXTER, 2001:17).

⁴ Dados retirados de transcrições de material coletado em Macau, China, cedido por Alan Baxter e Mário Nunes. Os informantes pesquisados são todos da última faixa etária, com mais de setenta anos.

“...a existência anterior de um sistema que usou uma forma invariável única do quantificador *todo*, neste caso derivado da forma neutra *tudo*, como é o caso em crioulos de Cabo Verde e São Tomé, com base no português. Na mesma situação como o quantificador poderia aparecer, antes ou após o nome.”⁵

Careno (1997, p. 82, 88) também registra o TUDO com o mesmo valor (de *todos*, *todas*) em comunidades negras do Vale do Ribeira:

“TUDU mi respeit’I::: TUDU elis... segui [seja] ... segui netu... segui bisnetu respeit’u qu’elis tem pur mim” (ao invés de “*todos eles*”)
 “eu digu tão ficandu Loco... purque tão vendendu TUDAS terra qui têm...”⁶ (ao invés de “*vendendo todas as terras*”)

No primeiro caso, o TUDO refere-se a pessoas e não coisa, e tem o valor de *todos eles*, e, no TUDU elis, a concordância que se prevê no sintagma não é realizada (“*todos eles*”). O *tudas*, presente no exemplo que segue, mostra que essa forma, nesse dialeto, é, talvez, um elemento intermediário entre o TUDO e as formas variadas do quantificador, o *todos* e o *todas*. Existe, também, a possibilidade de que a realização tenha sido *TUDO as terra*, com o TUDO e não “*tudas*”.

Mattos e Silva (1988) registra o TUDO no português Kamayurá⁷:

“Saiu do mar TUDO os olho vermelho” (ao invés de “*os olhos todos vermelhos*”).
 “Aí cheguelo lá, aí Kalapalo vê nós TUDO” (ao invés de “*nós todos*”).
 “Aquele que foi junto nós, TUDO choraro, choraro” (no lugar de “*todos choraram*”).

Nos dois primeiros casos, a concordância dentro do sintagma deixou de ser realizada (“*os olhos todos vermelhos*”, “*nós todos*”); no exemplo seguinte, o TUDO é utilizado no valor de *todos*, sendo o núcleo do sintagma, com antecedente humano. Mattos e Silva (1988, p. 104), ao tratar as “*simplificações*” dos quantificadores TUDO e NADA, registradas nos Kamayurá, diz que esses casos

“sugerem a confirmação da hipótese de que documentamos estágio da aprendizagem do português por uma comunidade de origem lingüística distinta. (...) No corpus de controle podemos observar, em certos contextos, uma redução maior, em favor de *tudo*.”

A autora, com referência a esses casos de TUDO, diz que

⁵ “...the former existence of a system which used a single invariable form of the quantifier *todo* ‘all’, in this case deriving from the neutral form *tudo*, as is the case in the Portuguese-based creoles of Cape Verde and São Tomé. Such a quantifier could appear both before and after the noun.” (p.30)

⁶ Foram conservadas as grafias utilizadas por Careno (1997)

⁷ O português Kamayurá refere-se à língua utilizada pelos índios bilíngües Kamayurá, tribo do Parque Nacional do Xingu, no Estado do Mato Grosso.

“...o quantificador TUDO, nesse dialeto, [tem um] contexto mais amplo, isto é, ocorre sem as restrições de traços semânticos e sintáticos que selecionam, pelo menos nos dialetos urbanos, as formas tudo, todos, toda. Nesses dialetos tudo tem um referente não animado e preenche a posição de núcleo do sintagma nominal; neste, (...) funciona na posição de núcleo do sintagma nominal ou como determinante.” (op.cit. p.104).

Como conclusão sobre essa realização e, também, sobre outros aspectos lingüísticos, Mattos e Silva (1988, p. 110) faz uma relação entre esses fenômenos, o processo de aquisição e a sua fase de desenvolvimento:

“Do que foi dito sobre os quantificadores e os dêiticos se pode admitir que o processo de aquisição desses elementos não parece se desenvolver num mesmo “ritmo de aprendizagem”, enquanto as regras de seleção dos indicadores dêiticos de lugar e tempo em relação ao momento da enunciação já aparecem bem dominadas pelos informantes, as de alguns quantificadores indefinidos [incluindo, nesse caso, o TUDO], do artigo e dos demonstrativos apresentam-se simplificadas e oscilantes.”

Também foram encontrados registros do TUDO com as mesmas características em Emmerich (1984), também da língua de contato do Alto Xingu, dos quais foram transcritos alguns exemplos:

“Aí Cláudio vem aí, entrô ali no Tu(a)tuari, veio espiá TUDU esses mato aí.” (EMMERICH, 1984, p. 256)

“Aí nós descemu. Aí nós viu, lá no Awara’í, né. Aí nós descemu TUDO lá.” (EMMERICH, 1984, p. 261)

Nos sintagmas apresentados, “TUDU esses mato aí” e “nóis... TUDO”, encontra-se a mesma estrutura, em que o TUDO substitui a forma pluralizada correspondente TODOS, cumprindo a previsão de concordância. Mas há casos registrados também em Emmerich (1984) do TUDO no valor de *todo mundo* e *todos*, nesse caso desvinculado de concordância, referindo-se indiferentemente a humanos e não-humanos, a exemplos de:

“Aí Orlando tava assim barbudo. Leonardo, Cláudio, TUDO isso, todo mundo tava barbudo, né.” (EMMERICH, 1984, p. 248)

“Aí todo mundo foi lá. Só quem num foi o Waurá e... e... Matipú, né. Matipú tava longe ainda. Agora não, agora TUDO tá aqui perto. Agora Kalapalo perto, Matipú, Waurá, TUDO aqui perto. Só ficô lá Kamaturá e Awetí.” (EMMERICH, 1984, p. 253).

Pinto (1996) também registra o *tudo* na fala carioca:

“as meninasTUDO queimadinhas” (p. 28);

“com aqueles vestido TUDO aberto” (p. 32).

A análise feita por Mattos e Silva (1988) e os casos encontrados em Emmerich (1984) e Careno (1997), registrando o TUDO no dialeto pidginizante do Xingu, e no português do Vale do Ribeira dão a esta pesquisa mais segurança ao fazer a relação entre a existência dessa forma, na fala de Salvador, e as características da sua história de contato e aquisição de língua, de alguma forma comparável com a que, ainda hoje, ocorre no Xingu e em outras comunidades negras. Os exemplos registrados por Pinto (1996) chamam a atenção de que, assim como foram registrados casos como esse no Brasil e no Rio de Janeiro, a pesquisa ora feita precisa continuar a ser realizada em outras regiões do Brasil.

1 A VARIÁVEL COEXISTÊNCIA COM *TUDO* EM SALVADOR – TODOS OS DADOS

A presente pesquisa toma como objeto de observação o falar de Salvador, o Programa de Estudos do Português de Salvador (PEPP) e o Projeto Norma Urbana Culta de Salvador (dados de 90), concentrando-se o estudo nos dados do PEPP. Em toda a amostra da presente pesquisa, o *tudo* nesse valor só ocorre em registros do português popular, não há qualquer caso no português universitário. Nos sintagmas encontrados, ao substituir *todos* ou *todas*, a concordância prevista para o quantificador nesse caso não é realizada. A hipótese que se levanta é a de que, em sintagmas com o *tudo* usado nesse valor, a concordância entre os outros elementos do sintagma é também inibida. Dessa forma, além de se quantificar os casos sem concordância desse quantificador, o envolvimento do *tudo* foi observado como uma variável ao analisar os outros elementos do sintagma. Foram codificados dados com *tudo* com esse valor no sintagma e os resultados dessa observação, envolvendo apenas os não universitários, são apresentados na tabela 01.

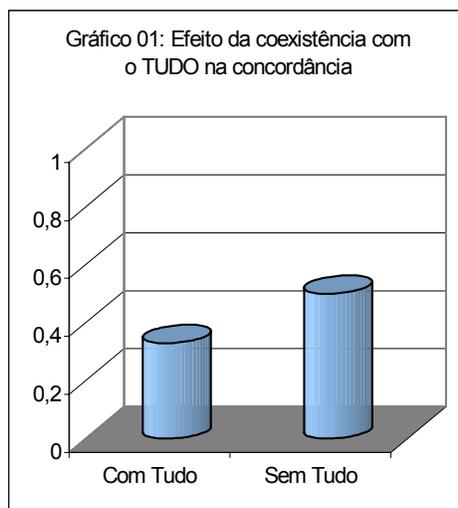
A análise estatística indica que a presença do quantificador na sua forma neutra, *tudo*, realmente inibe a concordância em outros elementos do sintagma. Enquanto sintagmas sem a forma *tudo* estão no ponto neutro, peso relativo .50, com esse elemento o peso relativo de concordância reduz-se para .31.

Tabela 01:

Efeito da *Coexistência com o TUDO* na concordância entre os outros elementos do sintagma - Análise sem os universitários. Sign.=.000

Fatores	Frequência	P. R.
Sintagma com <i>tudo</i>	48/78 62%	.31
Sintagma sem <i>tudo</i>	6598/8969 74%	.50
TOTAL	6646/9088 81%	

Assim, é evidente que, em sintagmas com o *tudo* no valor aqui analisado, a probabilidade de concordância reduz-se. Para entender em que tipo de grupo essa forma ocorre mais e como dá-se a inibição da concordância, em seguida estuda-se a variável entre os dois níveis de escolaridade envolvidos.



2. A COEXISTÊNCIA COM O TUDO – GRUPOS DE ESCOLARIDADE

Para melhor entender o efeito da variável, em seguida faz-se uma observação separando-se os grupos Fundamental e Colegial, os únicos a apresentarem, no *corpus*, dados com a forma observada. O gráfico e a tabela a seguir apresentam os resultados.

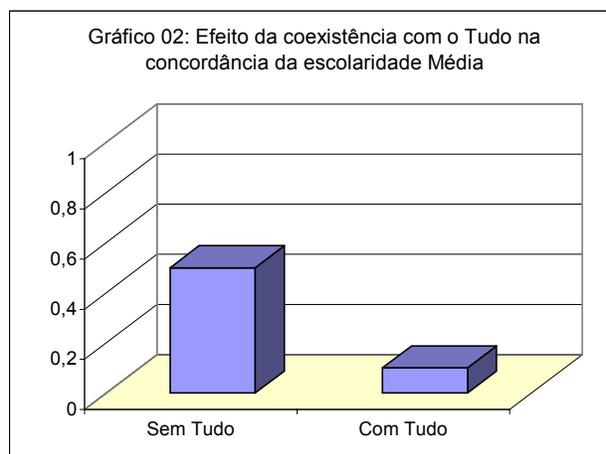


Tabela 02:

Efeito da *Coexistência com o TUDO*, na concordância entre os outros elementos do sintagma, separando-se os níveis Fundamental e Colegial

Envolvimento com o <i>tudo</i>	Fundamental SIGNIFICANCE= .457	Média SIGNIFICANCE= .018	
	Frequência	Frequência	P. R.
Sintagma com <i>tudo</i>	39/62 63%	9/16 56%	.10
Sintagma sem <i>tudo</i>	2793/4333 64%	3805/4636 82%	.50
TOTAL	2532/4431 64%	3814/4652 82%	

No nível Fundamental, essa variável não é selecionada pelo programa de regras variáveis, indicando não interferência da coexistência com o *tudo* na concordância desse grupo (por isso o gráfico refere-se apenas à escolaridade Média). Esses resultados mostram que, a despeito da forma *tudo* ocorrer principalmente entre os informantes do nível Fundamental (de 78 sintagmas coexistentes com a forma, 62 estão nesse nível de escolaridade), o efeito dessa forma sobre a concordância não está diretamente associado à pouca escolaridade, uma vez que a sua presença afeta mais a concordância nos elementos do sintagma quando os falantes têm mais escolaridade do que com menos.

No grupo de escolaridade Média, a concordância em elementos do sintagma com o TUDO tem peso relativo bem pequeno (P. R. .10), apesar de a forma não ser freqüente na fala do grupo, o que deixa claro que o efeito do uso dessa forma na concordância, pois, não parece estar na falta de acesso à escola. Esses resultados podem indicar que a escolarização traz como consequência a redução da utilização dessa forma, mas que, quando ela resiste (nesse caso, na escolaridade Média), tem um efeito inibidor grande na concordância entre os outros elementos do sintagma.

3 Efeito da variável coexistência com *tudo* na concordância dos grupos de sobrenome, como indicador de etnia⁸

Com o objetivo de buscar respostas para a diferença entre os dois grupos, na análise que se segue procura-se examinar a variável estudada entre os sobrenomes de escolaridade Fundamental, e faz-se uma comparação com Baxter (2001), que faz análise do efeito dessa

⁸Para estudar a influência da variável etnia na concordância nos dados de Salvador, adotou-se metodologia utilizada pelo grupo de Genética Médica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia: o estudo a partir de sobrenomes (Azevedo, Silva e Ribeiro (1983) e Tavares-Neto & Azevedo (1978)). Pesquisas realizadas pelo grupo e, cada vez mais, por outras pessoas da área médica já têm demonstrando uma correlação entre os sobrenomes e traços sanguíneos e a prevalência de doenças nas pessoas de raças diferentes. O critério adotado pelo grupo toma como respaldo a história de escolha dos sobrenomes dos escravos, após a abolição. Foram considerados os informantes de sobrenomes religiosos como indicadores de ancestralidade negra e os de sobrenomes não religiosos como não indicadores de relação com essa etnia. São alguns dos sobrenomes religiosos considerados como indicadores, em Salvador, de ancestralidade negra: Jesus, Aflitos, Ajuda, Amor Divino, Amparo, Anjos, Anunciação, Arcanjo, Assis, Assunção, Batista, Bispo, Boa Morte, Bonfim, Cardeal, Carmo, Chagas, Conceição, Cruz, Encarnação, Espírito Santo, Evangelista, Hora, Jesus, Luz, Mercês, Natividade, Nascimento, Paixão, Palma, Passos, Piedade, Prazeres, Purificação, Ramos, Reis, Ressurreição, Rosário, Sacramento, Santana, Sant'Anna, Santa Rita, Santiago, Santos, São Pedro, Socorro, Soledade, Trindade, Virgem, Virgens, Xavier. (Azevedo, Silva e Ribeiro (1983) e Tavares-Neto & Azevedo (1978)).

variável nos Tongas. Os resultados da análise referente a essa variedade de português foram comparados aos do nível Fundamental de Salvador e não aos do nível de escolaridade Média, diante da pouca escolarização a que os Tongas tiveram acesso. A tabela 04 mostra os resultados apenas com a frequência da concordância em cada um dos fatores referentes aos três grupos. Não se apresentam os pesos relativos devido ao fato de a variável não ter sido selecionada em nenhum dos grupos.

As frequências indicam que, nos grupos de sobrenome Religioso e nos Tongas, existe muita proximidade entre os resultados dos fatores em cada grupo. Dessa forma, pode-se considerar que com o *tudo* ou sem ele a frequência de concordância nesses grupos é a mesma, ou quase a mesma. No grupo Não religioso, há uma diferença entre os fatores: apesar de a forma ser pouco freqüente em relação ao grupo Religioso, há menos concordância (53%) em sintagmas com *tudo* que em sintagmas sem a forma (65%).

Tabela 03:

Efeito da *Coexistência com o TUDO* na concordância dos grupos de sobrenome no nível Fundamental e o português dos Tongas.

Fatores	Não religioso	Religioso	Tongas
	Freqüência	Freqüência	Freqüência
Com <i>tudo</i>	9/17 53%	27/41 66%	26/47 55%
Sem <i>tudo</i>	1272/1952 65%	1383/2183 63%	1809/3266 55%
Totais	1281/1969 65%	410/2224 63%	1835/3313 55%

Os resultados parecem indicar que a forma não inibe a concordância em grupos que a utilizam com mais frequência, mas apenas em grupos em que ela é menos freqüente. Assim como se detectou na observação do grupo de escolaridade Fundamental, já discutido anteriormente, nos Tongas a coexistência com o TUDO não se constitui em desfavorecimento (Baxter, 2001). Comparando os dois grupos de sobrenome, nota-se que o grupo de sobrenome não religioso tem a sua taxa de concordância reduzida em elementos do sintagma em coexistência com o *tudo*, o que, no entanto, não ocorre no grupo de sobrenome religioso. O número de casos desse quantificador, apesar disso, é bem maior no grupo de sobrenome religioso, indicando que a frequência de uso do *tudo* está associada ao sobrenome religioso, embora entre esses informantes a forma não iniba a concordância.

No grupo de sobrenome não religioso de escolaridade Média, não foi encontrado qualquer caso do *tudo* estudado, conforme se pode observar na tabela a seguir. Esse dado mais uma vez indica que o *tudo* está associado muito diretamente ao grupo de sobrenome religioso em Salvador e ao tipo de dados a que os negros tiveram acesso nessa cidade.

A análise, cujos resultados são mostrados na tabela 04, indica que no grupo de sobrenome religioso não só a frequência de concordância é menor que a do grupo geral dessa escolaridade (79% - religioso de escolaridade Média; e 86% - na totalidade da escolaridade Média), como o *tudo*, nesse grupo, tem um efeito inibidor muito forte (56% de concordância e P. R. .10).

Tabela 04:

Efeito da *Coexistência com o TUDO* na concordância dos grupos de sobrenome de escolaridade Média

Relação com o <i>tudo</i>	Não religioso	Religioso Sign.=.000	
	Frequência	Frequência	P. R.
Com <i>tudo</i>	Não há casos de <i>tudo</i>	9/16 56%	.10
Sem <i>tudo</i>	1802/2090 86%	2003/2546 79%	.50
TOTAIS	1802/2090 86%	2012/2562 79%	

Deve-se considerar que o pequeno número de casos de elementos em coexistência com a forma *tudo* pode ter, de alguma forma, interferido nos resultados da análise. Pode-se, no entanto, interpretá-los da seguinte forma: apesar da atividade institucional da escola, a experiência e o contato acirrado com o padrão, são percebidas as diferenças entre os grupos, o que tem sobrenome religioso, ou ancestralidade negra, sendo alvo ainda da presença do *tudo* e da sua ausência inerente de concordância; e o grupo com outros sobrenomes, ou não ancestralidade negra, não usando o quantificador sem concordância *tudo*, ou o fazendo pouco, diante de não ter história dessa forma na sua aquisição de língua.

Os resultados fazem levantar a hipótese de que o grupo de sobrenome religioso está mais ligado a uma história de aquisição lingüística com diferentes dados em relação a outros grupos, e que, em alguma fase da sua história de língua, deve ter havido o uso geral do quantificador sem concordância, na forma do *tudo*. Hoje, obedecendo ao processo normal que governa a variação no sintagma nominal, essa forma ocorre substituindo *todos* ou *todas*, principalmente no grupo de sobrenome religioso, mesmo em região urbana, como a cidade do Salvador, com uso comparável ao que se encontra em comunidades como às que esta pesquisa teve acesso: com história de contato de línguas e aprendizagem de português como primeira ou como segunda língua, com muita diversidade e variação nos dados e sem muita força de controle e padronização.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Eliane S., DA COSTA, Theodomario Pinto, SILVA, Maria Cristina B. O. & RIBEIRO, Lúcia Regina. The use of surnames for interpreting gene frequency distribution and past racial admixture. **Human biology**. Vol. 55, No. 2, p. 235-242. Wayne State University Press, 1983.

BAXTER, Alan N. **The development of variable number agreement in a restructured African variety of Portuguese**. Texto apresentado no Colóquio sobre Línguas Crioulas. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001.

BAXTER, Alan N., LUCCHESI, Dante & GUIMARÃES, Maximiliano. Gender agreement as a “decreolizing” feature of an afro-brazilian dialect. **Journal of pidgin and creole languages**. 12:1.1-57, 1997.

CARENO, Mary Francisco do. **Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras**. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

COELHO, F. Adolfo. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In. **Estudos lingüísticos crioulos**. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.

EMMERICH, Charlotte. **A língua de contato no Alto Xingu: origem, forma e função**. Tese de Doutorado em Lingüística e Filologia apresentada à Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1º semestre de 1984.

LOPES, Norma da S. **Concordância nominal, contexto lingüístico e sociedade**. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Sete estudos sobre o português Kamayurá** (com a colaboração de Myrian Barbosa da Silva, Maria del Rosário Albán e Pedro Agostinho). Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

PINTO, Ivone Isidoro. **A variação entre tudo e todo(a)(s) no português informal carioca**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. Dissertação de Mestrado.

TAVARES NETO, José & AZEVEDO, Eliane. Family names and ABO blood group frequencies in a mixed population of Bahia, Brasil. **Human biology**. Vol 50, No. 3, p. 361-367. Wayne State University Press, 1978.